

Entrevista com Bernardo Jefferson de Oliveira

Bernardo Jefferson de Oliveira é professor titular da Faculdade de Educação (UFMG). É licenciado em Geografia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1983) e mestre e doutor em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais (1988 e 2000, respectivamente). Foi diretor do museu Espaço do Conhecimento UFMG e atualmente coordena a exposição Sentidos do Nascer juntamente com a professora doutora Sônia Lansky. Suas pesquisas e produções concentram-se nas áreas de História da Educação, História da Ciência, Filosofia da Técnica e Museus de Ciência e Imaginário Científico.

Entrevista concedida via correio eletrônico a **Henrique Rodrigues Caldeira** e **Laura Jamal Caixeta**, discentes na linha de Cultura e Ciência na História, do Programa de Pós-Graduação em História da UFMG e membros da Comissão Editorial da Revista Temporalidades.

[Revista Temporalidades] As inovações e desenvolvimentos técnicos e científicos – sobretudo aqueles relacionados à internet – parecem oferecer, ao mesmo tempo, conteúdo e meios importantes para a divulgação científica. No entanto, vemos que ferramentas cada vez mais sofisticadas como os sites de vídeo e as redes sociais acabam favorecendo indistintamente discursos acerca da ciência, muitos dos quais geram bastante desinformação. Como você vê o impacto dessas mídias na atividade de divulgação científica? E como pesquisadores poderiam tirar melhor proveito das possibilidades que elas oferecem?

[Bernardo Jefferson de Oliveira] Sim, as inovações na comunicação disponibilizam vários novos recursos para a divulgação científica, abrindo muitas possibilidades. Creio que os pesquisadores já se deram conta do valor e das dificuldades de fazer essa comunicação de forma efetiva e alcançar diferentes públicos. Mas o desafio é enorme. Acho que ainda estamos engatinhando. E na medida que vamos caminhando esses recursos vão mudando numa rapidez... É difícil acompanhar.

Um pouco como no processo de ensino, em que os professores vão incorporando, mas num ritmo bem mais lento do que os estudantes trilham e demandam. E assim como na educação, não se trata apenas de usar as novas tecnologias, mas adaptar a novas práticas, de forma que se possa qualificá-las e incrementá-las. O que demanda muita criatividade. De uma forma geral, pesquisadores já reconhecem o valor cognitivo do processo de comunicação. O termo “conhecimento em trânsito” cunhado pelo historiador James Secord sintetiza a ideia, que vem sendo explorada em diversos estudos de circulação do conhecimento, e da comunicação como algo que envolve muito mais do que transmissão de informações ou práticas. Transformações no conhecimento são reconfiguradas quando abordadas em novos contextos, veículos e públicos.

[RT] Para além das mídias digitais, os museus são também um importante espaço de divulgação científica. Quais as especificidades desse espaço, no que se refere a suas possibilidades de comunicação pública da ciência? Como você vê o futuro dos museus em nossa cultura crescentemente digital?

[BJO] Desde o século XVIII, os museus são um importante espaço de divulgação científica, mas eles também foram (e seguem) se transformando e, hoje em dia, utilizam bastante os recursos digitais. Tanto nas exposições quanto fora delas, em sites e redes sociais. É a ideia do museu expandido, que vai muito além das visitas. Mas os museus mantêm sua especificidade. Primeiramente pelo local de fala, a instituição lhe confere autoridade, e que funciona como uma consagração do que está sendo apresentado. Segundo que ele possibilita experiências diferentes do acesso doméstico e individual às informações. Museus são instância de educomunicação *sui generis*. Eles conjugam objetos, dispositivos e mediações como nenhuma outra instituição.

Museus podem (ainda que nem sempre o façam) propiciar diálogos e encontros inesperados. Não só com mediadores que saibam puxar conversas e instigar reflexões, mas também com o que chamamos de interações horizontais, com outros visitantes. Muitos museus criam situações que provocam essas interações coletivas, por exemplo com jogos que não se pode jogar sozinho. Os museus têm se reinventando, se diversificado e reafirmado seu papel em nossa cultura.

[RT] Finalmente, gostaríamos que comentasse um pouco sobre sua experiência na curadoria e coordenação da exposição Sentidos do Nascer, que promove uma reflexão sobre a percepção do nascimento e incentiva a valorização do parto normal. Quais atitudes do público em relação à exposição chamaram mais a sua atenção?

[BJO] Foi uma grande surpresa a reação do público a esta exposição. Quando estávamos desenvolvendo o projeto não imaginávamos como a grande maioria dos visitantes ficaria emocionada. Muitas reelaborando suas histórias pessoais naquele momento, visivelmente tocadas. Outras fortalecidas em suas convicções. As pessoas retornavam trazendo amigos, familiares. Eu nunca tinha visto isso nas exposições que acompanhei. Elas queriam compartilhar a experiência, sensibilizar amigas ou convencer seus familiares de que eles estavam mal informados.

[RT] E como foi trabalhar com a questão da controvérsia na exposição - algo tão importante para uma crítica dos saberes e práticas médicas, mas também tão delicado em tempos de crise de confiança na ciência?

[BJO] As controvérsias têm um enorme potencial gerador de reflexão sobre nossas convicções, como também para discussão sobre os saberes. Elas entremeiam visões divergentes, algumas antagônicas, que ajudam a situar a complexidade de questões, e a dimensionar os problemas e soluções. O contraponto de perspectivas é enriquecedor e fazem as pessoas oscilar entre as visões, entender melhor as razões e motivações diferentes das que conhecem. Ao longo do diálogo, quem está assistindo se transfere e revê suas identificações e divergências no processo. Temos utilizado esse recurso também como atividades didáticas¹.

Para a elaboração dos roteiros e falas dos personagens da exposição Sentidos do Nascer havíamos coletado discursos e argumentos recorrentes, que são apresentadas de forma vívida, com ótimas representações de atores profissionais.

A crise de confiança na ciência não estava dada naquele momento, como está nos dias atuais. Assim, várias falas se apoiam em evidências científicas, ou na chamada medicina baseada em evidências. Ela era o eixo que se contrapunha a certas práticas médicas fundadas na experiência

¹ Ver Oliveira, Fonseca e Segantini. "Writing, Acting and Engaging in Socioscientific Controversies as a Way to Learn about the Nature of Sciences". *In: Transversal: International Journal for the Historiography of Science*, n. 5, 2018, p. 146-156. (Disponível em <http://www.historiographyofscience.org/index.php/transversal/article/view/107/141>. Acesso em 20/01/2020.)

clínica de alguns médicos e na autoridade da tradição. É o que chamamos de medicina baseada em eminências, para contrapor à baseada em evidências. Mas além dos fundamentos cognitivos, há dimensões políticas dos conhecimentos nas disputas de representação. Isso ocorre por todos os lados. É um dos elementos constituintes do conhecimento. Mas na temática que estávamos abordando, o espírito corporativo é exacerbado. De uma forma geral, as corporações médicas e conselhos de medicina no Brasil lutam com unhas e dentes pelo seu mercado, como no caso do monopólio do ato médico, buscando impedir enfermeiras de atuar em procedimentos, como na colocação do DIU ou na assistência ao parto, que elas fazem com total reconhecimento em diversos países do mundo. As controvérsias possibilitam trazer à tona diversas facetas do conhecimento, como os interesses políticos e motivações pessoais. Elas são ricas para a discussão dos valores da ciência, como também para debate sobre suas limitações e lacunas.

Creio que no momento atual em que o governo combate e procura desmontar as instituições científicas e universidades públicas, temos que retomar o debate a partir de questões básicas: para que servem essas instituições? Como funcionam? Como realizam suas pesquisas? Vemos que o governo atual ainda tem apoio de gente que não faz ideia do valor do conhecimento científico, de como são feitas as pesquisas. A meu ver, isto deve ser tratado como mera ignorância. Temos que trazer para o debate suas questões. O recurso das controvérsias, no qual essas visões são contrapostas e o debate flui, pode nos ajudar a reconstruir a confiança na racionalidade que vem sendo minada pelo bando de malucos que está no poder.